



PENSAR A CIDADE AMERICANA: URBANISMO, CÂNONE E ESCRITAS DA HISTÓRIA A PARTIR DA AMÉRICA DO SUL (1920-1947)

EIXO TEMÁTICO 2 – REGIMES DE VERDADE E HISTORICIDADE

NOVO, Leonardo F.

Doutor; Universidade Federal de São Paulo
leo.novo7@gmail.com

RESUMO

Este artigo problematiza as geopolíticas do conhecimento que estruturam hierarquias, relações de poder e diferentes estatutos entre formulações intelectuais de países europeus e norte-americanos, de um lado, e os latino-americanos, de outro, a partir do campo do urbanismo. Tendo como objeto as teses sobre as cidades, o urbano e o urbanismo formuladas por arquitetos e urbanistas latino-americanos em função das seis primeiras edições dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos (realizadas entre os anos de 1920 e 1947), busca-se dar relevo ao debate realizado entre os pares de profissionais sul-americanos sobre a conformação do campo profissional e disciplinar no urbanismo na América. O caráter marginal das reflexões de autores latino-americanos indica a persistência de políticas do conhecimento colonialistas responsáveis por imputar signos da ausência, cópia e emulação aos debates travados na América Latina sobre o futuro de suas cidades. Esse exercício visa contribuir com as revisões críticas da história do urbanismo ao colocar em pauta a construção do cânone modernista associado ao norte global.

PALAVRAS-CHAVE: urbanismo; congressos pan-americanos de arquitetos; modernidade; história urbana.

ABSTRACT

This article problematizes the geopolitics of knowledge that structure hierarchies, power relations, and different statuses among intellectual formulations from European and North American countries, on one hand, and Latin American countries, on the other, from the field of urbanism. Focusing on the theses about cities, the urban, and urbanism formulated by Latin American architects and urbanists in light of the first six editions of the Pan-American Congresses of Architects (held between 1920 and 1947), it seeks to highlight the debate among South American professionals regarding the shaping of the professional and disciplinary field in urbanism in the Americas. The marginal nature of the reflections by Latin American authors indicates the persistence of colonialist knowledge policies that attribute signs of absence, imitation, and emulation to the debates held in Latin America about the future of its cities. This exercise aims to contribute to critical revisions of the history of urbanism by addressing the construction of the modernist canon associated with the global North.

KEY-WORDS: *urbanism; Pan-American Congresses of Architects; modernity; urban history.*

RESUMEN

Este artículo problematiza las geopolíticas del conocimiento que estructuran jerarquías, relaciones de poder y diferentes estatus entre formulaciones intelectuales de países europeos y norteamericanos, por un lado, y los latinoamericanos, por otro, desde el campo del urbanismo. Centrándose en las tesis sobre ciudades, lo urbano y el urbanismo formuladas por arquitectos y urbanistas latinoamericanos a la luz de las seis primeras ediciones de los Congresos Panamericanos de Arquitectos (celebrados entre 1920 y 1947), busca resaltar el debate entre profesionales sudamericanos sobre la conformación del campo profesional y disciplinario en el urbanismo en las Américas. El carácter marginal de las reflexiones de los autores latinoamericanos indica la persistencia de políticas de conocimiento colonialistas que atribuyen signos de ausencia, imitación y emulación a los debates celebrados en América Latina sobre el futuro de sus ciudades. Este ejercicio tiene como objetivo contribuir a revisiones críticas de la historia del urbanismo al abordar la construcción del canon modernista asociado al Norte global.

PALABRAS CLAVE: *urbanismo; Congresos Panamericanos de Arquitectos; modernidad; historia urbana.*

Introdução, ou modos de provincializar a Europa

Quando se trata de mudança, o que muitas vezes move as pessoas não é um argumento baseado em princípios, nem uma longa discussão sobre valores, mas simplesmente uma nova e gradualmente adquirida maneira de ver as coisas.
(Appiah, 2006)

“A cidade é a causa e o urbanismo é o efeito”. Foi dessa maneira que o arquiteto argentino Alfredo Cópola estabeleceu a relação entre o objeto de intervenção, a cidade, e o campo disciplinar responsável por fazê-lo, o urbanismo, em meio aos debates realizados no III Congresso Pan-Americano de Arquitetos (CPA) sediado em Buenos Aires no ano de 1927. Era a primeira vez que o urbanismo era enunciado especificamente como um tema autônomo nesses congressos – “Urbanismo e suas relações com a arquitetura” –, ainda que os problemas identificados nas cidades do continente conformassem uma pauta permanentemente debatida nestes eventos desde sua primeira edição, em 1920. Além do trabalho de Cópola, outros sete trabalhos foram elaborados por arquitetos argentinos, chilenos, brasileiros, uruguaios e estadunidenses a fim de serem debatidos no III CPA.¹ Esse conjunto heterogêneo de produções sobre a cidade e o urbano reafirmava a importância desses congressos como fóruns de debate entre pares sobre o futuro das cidades americanas. A ênfase sul-americana também não era novidade, mas aspecto consolidado observado em relação às edições realizadas até, ao menos, a década de 1950.

Em 1927, o coletivo reunido em Buenos Aires preocupava-se em definir o urbanismo como campo disciplinar e profissional de diferentes maneiras. Enquanto Cópola o definia como ciência e arte de planejar e transformar cidades, John Howard sublinhava noções básicas do *City Planning* ao evocar exemplos de reformas urbanas de cidades estadunidenses. O comitê uruaio argumentava sobre a necessária distinção entre as atribuições do arquiteto e do urbanista, por outro lado, Carlos Ancell, da Argentina, entendia o urbanismo como uma das atribuições privativas dos arquitetos diplomados, formulando a ideia, hoje já consolidada, de uma carreira hifenizada: arquitetos-urbanistas. Em todas essas reflexões podemos

¹ Os demais trabalhos sobre urbanismo foram elaborados pelos seguintes arquitetos e delegações: Rafael Terra Arocena, Antonio C. Bonnacerrere, Alberto D. Aguerre e Eugenio Baroffio (Uruguai); Carlos F. Ancell (Argentina); Manuel Cifuentes e Carlos Carbajal (Chile); Alberto Schade (Chile); John G. Howard (Estados Unidos) e Nereo de Sampaio (Brasil).

observar o caráter inter e até transdisciplinar do urbanismo em suas relações com a engenharia civil, a higiene, a arquitetura, a sociologia, a arte e a história.² Entre muitas citações e referências, de Aristóteles a Camilo Sitte e Pierre Charles L'Enfant, o debate era pautado pelas diferenças entre o “urbanismo europeu” e o “urbanismo americano”:

Aquele se refere a cidades tradicionais, ancestrais, velhas, caducas, nas quais é necessário um exame meticoloso para a renovação e expansão [pela] capacidade financeira que implicam e [pelo] conjunto de intrincados fatores sociais e econômicos que levam consigo. Por outro lado, o urbanismo americano (...) é mais amplo, porém mais simples (*Actas y Trabajos*, 1927, p.247).

Ainda que restrito a um tema de apenas uma edição dos CPAs, esse conjunto de reflexões indica a centralidade do debate sobre o urbanismo entre os profissionais sul-americanos no período.³

A partir dessa constatação, este artigo busca dar relevo às maneiras pelas quais esses arquitetos sul-americanos debatiam o urbano e o urbanismo na primeira metade do século XX para problematizar a hierarquização consolidada historicamente entre formulações latino-americanas e europeias acerca do tema. Com isso, problematiza-se o cânone europeu que estrutura o campo da história do urbanismo e é colocada em questão a ideia de Europa como origem e produtora de modelos universais – uma atitude que se aproxima das provocações feitas por Dipesh Chakrabarty (2000) ao provincializar a Europa em prol da reflexão sobre a diferença histórica.

“Somos ainda muito primitivos”?

A temática dos congressos e seu papel nas dinâmicas de circulação de saberes não é estranha à historiografia. Três anos depois do III CPA, em 1930, o ucraniano Gregori Warchavchik enviou um relatório ao III Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

² Essa dimensão inter e transdisciplinar do urbanismo é um aspecto importante de sua consolidação como campo disciplinar e profissional entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, como já argumentado por Maria Stella Martins Bresciani (2015), entre outros autores.

³ Ramón Gutiérrez, Jorge Tartarini e Rubens Stagno (2007) compilaram os temários das edições dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos realizadas entre 1920 e 2000.

(CIAM, Bélgica) para apresentar os obstáculos para o surgimento de uma arquitetura nova na América do Sul. No relatório, o ucraniano destacava o nacionalismo limitado, a necessária importação de materiais como cimento, ferro e vidro, a mão de obra ignorante quanto ao trabalho moderno e o clima quente, intenso e adverso como dificuldades para a implementação da agenda modernista em países dessa região do continente. “Somos ainda muito primitivos” (Warchavchik, [1930] 2006, p. 171), concluía Warchavchik.

A descrição dos “países novos”, americanos, na carta endereçada a Siegfried Giedion, era orientada pelo interesse de Warchavchik em participar desse seleto grupo com o poder de cancelar o que era e o que não era arquitetura e urbanismo modernos ao redor do mundo desde a Europa. Essa narrativa, portanto, era não só interessada, mas parcial, uma vez que ignorava diversas manifestações, projetos e movimentos intelectuais existentes na América do Sul que disputavam os significados de *moderno* na primeira metade do século XX. No relatório, Warchavchik fazia menção a “um congresso pan-americano” realizado no Rio de Janeiro, mas condenado a reunir poucas e isoladas manifestações modernas: “foi a demonstração de uma falta absoluta de compreensão do século que vivemos (...), esse congresso foi uma farsa, com uma encenação primorosa” (Warchavchik, [1930] 2006, p. 170). O evento em questão era justamente a quarta edição dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, subalternizados na fala do arquiteto em relação à importância atribuída aos CIAMs. Eric Mumford (2000) já mostrou como o lugar de destaque na historiografia conferido aos CIAMs foi um produto de relações de poder e estratégias narrativas que permitiram aos arquitetos engajados nesses eventos, de uma só vez, estabelecer diretrizes e fundamentos para a prática da arquitetura e do urbanismo modernos e construir sua memória por meio de manifestos, textos, livros e constituição de arquivos, o que não aconteceu no caso pan-americano.

Ainda que os CPAs não ocupem hoje o mesmo lugar canônico e de importância observado em relação aos CIAMs, eles foram abordados de diferentes maneiras pela historiografia brasileira. Seja para argumentar sobre a relação entre a conformação do campo profissional e processos de modernização e reformas urbanas (Campos, 2002; Segawa, 2010; Rabelo, 2011), seja para situar trajetórias profissionais e até instituições em uma perspectiva internacional (Leme, 2010; Silva, 2010; Dedecca, 2018), essa produção historiográfica os

caracteriza como legitimadores de estratégias, pautas e agendas compartilhadas de modernização que iam além das fronteiras nacionais. Fóruns privilegiados, portanto, para analisar os fluxos e trocas responsáveis por tornar inescapável a dimensão da circulação de ideias internacionais para pensar o urbanismo nas Américas ao longo do século XX.

Esse tema aparece de forma mais consolidada na produção historiográfica de países como Argentina, Chile e Uruguai. Neles, podemos identificar uma tradição pautada em problematizar coletivamente a profissão de arquiteto e urbanista a partir de interpretações que escapam das narrativas sobre grandes gênios. O processo de institucionalização da profissão em cada um desses países indica o compartilhamento de demandas e soluções comuns por países sul-americanos no início do século XX, como argumentado por Elena Mazzini e Mary Méndez (2012), Max Aguirre González (2004) e Silvia Cirvini (2004). Para além dos estudos de casos específicos, há visadas mais amplas, como a de Silvia Arango Cardinal (2012) ao argumentar sobre a construção da América Latina moderna por diferentes gerações de arquitetos e urbanistas a partir de uma agenda transnacional de legitimar suas práticas profissionais e criar mercados e espaços de atuação.

Esses trabalhos reforçam como a operação de transformar ideias e projetos em ação coletiva se apoiava no diálogo entre meio profissional, autoridades administrativas e público geral e como, para isso, os congressos, em suas diferentes escalas (locais, nacionais e internacionais), ganhavam importância. Essa série de simultaneidades observadas em relação a esses países, por sua vez, sugere a importância de uma análise que pense a história fora da nação, como teorizou Barbara Weinstein (2013). Nesse sentido, os CPAs podem ser encarados como momentos de interação entre diferentes escalas e mundos sociais, bem como promotores do que Thomas Bender entende como múltiplos contextos de vidas, instituições e ideias (Bender, 2002). Eram, também, momentos em que a articulação entre política e disciplina se tornava explícita ao serem formulados e disputados projetos de futuro para as cidades do continente por meio da fusão entre modernidade e tradição e o destaque ao papel social dos arquitetos e urbanistas nesse processo (Novo, 2023).

Especificamente sobre o urbanismo, é possível identificar um percurso pelo qual o tema foi debatido nas edições realizadas entre 1920 e 1947. No I CPA, os trabalhos sobre transformação, extensão e embelezamento da cidade de tipo predominante na América (I

CPA, 1920, tema 1) se propunham a estabelecer diagnósticos sobre os problemas urbanos identificados em capitais sul-americanas. No congresso seguinte (II CPA, 1923, tema 1), os diagnósticos deram espaço para a afirmação da necessidade de criar planos urbanos como estratégia para implementar os preceitos do urbanismo moderno referendados na edição anterior. Como mencionado no início deste artigo, a terceira edição dos CPAs (III CPA, 1937, tema 7) elegeu o urbanismo como tema autônomo e, dentre todas as edições aqui analisadas, foi a que mais reuniu trabalhos que buscavam teorizar e definir o campo disciplinar e as atribuições profissionais, com especial atenção a aspectos relativos ao ensino nas faculdades de arquitetura e engenharia das Américas.

O congresso de 1930, sediado no Rio de Janeiro (IV CPA, 1930), demarca uma exceção, pois diferentemente das demais edições, o Comitê Executivo do IV CPA não publicou as atas e trabalhos do evento. Ainda assim, por meios oficiosos, é possível encontrar a narração sobre as sessões de debates nas revistas publicadas pelas associações profissionais e relatórios de alguns profissionais que atenderam ao evento.⁴ Ainda que o urbanismo não compusesse mais um tema próprio, é possível observar como ele continuou a ser fundamental às conclusões votadas em, pelo menos, dois temas de maneira direta: nas tensões entre regionalismo e internacionalismo na arquitetura contemporânea (tema 1) – a partir do qual Flávio de Carvalho apresentou sua célebre tese “A cidade do homem nu” – e nas análises sobre o arranha-céu e seus efeitos estéticos, higiênicos e urbanos (tema 3). Na quinta edição, os problemas de crescimento das cidades voltaram ao temário a partir de três aspectos: os dilemas entre extensão horizontal ou crescimento vertical na morfologia das cidades, a jurisdição sobre quem decide e fornece diretrizes sobre o planejamento, e a legislação sobre as terras que circundam as cidades americanas (V CPA, 1940, tema 1). Além disso, dentre os temas livres dessa edição, o uruguaio Carlos Herrera Mac Lean, assíduo representante do país nos CPAs desde sua primeira edição, submeteu um trabalho sobre o urbanismo como um problema social em que buscou sintetizar algumas perspectivas colocadas em debate nesses

⁴ Dentre as revistas, destacam-se a *Revista de Arquitectura* - Órgano oficial de la Sociedad Central de Arquitectos (Buenos Aires) e a revista *Arquitectura*, publicação da Sociedad de Arquitectos del Uruguay. Em ambas, é possível encontrar a republicação dos trabalhos debatidos a cada edição, lista dos delegados e delegações presentes e fotografias de diversos momentos dos congressos.

fóruns desde então e indica o relevo da sociologia, mobilizada para pensar a cidade como questão social.

Na última edição que compõe o recorte temporal deste artigo, realizada em 1947 e sediada nas cidades de Lima e Cusco, no Peru, o urbanismo foi debatido a partir de uma tipologia específica, as unidades de vizinhança. O presidente do VI CPA, Fernando Belaunde Terry, foi um dos principais gestores e promotores da implantação do urbanismo e do planejamento no país, atuação viabilizada pelos cargos ocupados na política institucional (Deputado de Lima em 1945 e Presidente do Peru por duas vezes, 1963-1968 e 1980-1985).⁵ As *Unidades Vecinales n.3*, inauguradas em 1949, estavam em construção e foram um dos pontos altos das visitas realizadas pelos delegados do congresso.⁶ Em relação aos trabalhos, é evidente uma maior variedade das nacionalidades, sendo possível recuperar trabalhos elaborados por profissionais de Porto Rico, Santiago Iglesias Jr., e Cuba, Alberto Prieto, que tensionaram as concepções de planejamento, bem como a presença de uma arquiteta, Inés Floto, do Chile.

Quebrar os espelhos

O exercício de pensar a modernidade como fenômeno local, ainda que atrelada a sua dimensão universal – ou, ao menos, ocidental –, ou mesmo o ato de questionar o cânone moderno e sua prevalência no campo do urbanismo até os dias de hoje colocam questões de fundo teórico incontornáveis para as modalidades de narrar a história urbana no século XXI. Pensar a modernidade e seus efeitos na América Latina é uma tarefa que imputa, necessariamente, o questionamento de persistentes ideias e termos mobilizados para pensar as relações entre essa região do continente e seus “outros” frente ao processo de circulação de ideias e ideários modernos na conformação do campo disciplinar do urbanismo.

⁵ José Carlos Huapaya Espinoza (2012) é autor de uma importante tese sobre Belaunde Terry em que indica a centralidade da política para a implementação desse ideário moderno do urbanismo entre as décadas de 1930 e 1960, bem como as articulações latino-americanas operadas a partir do Peru. Além dele, o trabalho de Sharif Kahatt, *Utopías Construidas* (2015), é referência incontornável para entender o período.

⁶ Também importa pontuar que no mesmo ano de 1947 Josep Lluís Sert elaborou planos urbanos para Lima e para a cidade de Chimbote, como recupera Dinalva Roldan em sua tese de doutorado (2019). Adrián Gorelik (2022) situa esse plano no âmbito de um debate sobre a produção intelectual da cidade latino-americana.

Em termos historiográficos, há pelo menos duas décadas o tema da circulação de ideias, profissionais e projetos consolidou-se como dimensão fundamental no campo dos estudos urbanos no Brasil. A coletânea *Urbanismo no Brasil* organizada por Maria Cristina Leme (1999) já expressava essa tendência e demonstrava como a formação do pensamento urbanístico no Brasil era tributária desses fluxos e trocas internacionais. Dez anos depois, outra coletânea organizada por Marco Aurélio Filgueiras Gomes (2009) enunciava no subtítulo o status adquirido por essas dinâmicas no campo do urbanismo: circulação de ideias e constituição do campo. O deslocamento da escala, de uma abordagem nacional para o âmbito sul-americano, indicava como a temática exigia, como indicam os capítulos da obra, a superação das fronteiras nacionais para pensar a história das trocas intelectuais no âmbito latino-americano.

Ainda que representem panoramas importantes sobre como a questão vem sendo trabalhada, essas obras também indicam como a circulação de ideias permanece atrelada a pressupostos como importação e exportação de modo a naturalizar as hierarquias nas relações entre centro e periferia. Stella Bresciani (2012) já teceu contundentes críticas à noção de influência e aos efeitos dessa naturalização e da atribuição de lugares de origem a ideias e projetos urbanos. Nesse sentido, afirma-se a importância de ir além da delimitação de origens, mas conferir historicidade a essas hierarquias e assimetrias que não seguiam fluxos pré-definidos e assumiam um caráter multidirecional e desigual (Atique, Cerasoli, Novo, 2020), tal qual o próprio fenômeno da modernidade, como caracterizado por Jorge Francisco Liernur (2012). Para ele, a modernidade é caracterizada justamente pela dispersão dos núcleos de elaboração cultural outrora ligados diretamente à centralidade política e econômica e alvo de deslocamentos e disputas, como em uma sala de espelhos, “recinto no qual o olhar salta e as figuras se multiplicam até o infinito” (Liernur, 2012, p. 19).

Partilhando da mesma metáfora dos espelhos, Alicia Novick (2009) também reafirma a necessidade de ir além das noções de modelo, tradução e cópia ao interpretar as dinâmicas entre atores internacionais. A multiplicidade de viagens, idas e vindas, e a ampla gama de reformulações, segundo ela, são o que caracteriza o paradoxo das cidades latino-americanas e conduzem a um jogo de espelhos quebrados, “onde na multiplicidade de fragmentos não é

fácil identificar as peças originais, pois é particularmente notória a mistura de ideias de diferentes signos” (Novick, 2009, p. 11).

Essa revisão de pressupostos para interpretar os textos sobre urbanismo produzidos no âmbito latino-americano leva, necessariamente, a uma revisão do cânone eurocêntrico da disciplina. Para além de uma seleção de obras e autores consagrados, Fernando Lara, Fernando Martínez Nespral e Ingrid Quintana-Guerrero (2023) definem o cânone como um sistema de relações estabelecidos entre eles: um sistema interno de valoração que estabelece quem foram os criadores e quem foram os sucessores, ou mesmo quais autores e obras merecem ser reconhecidos ou excluídos. Ou seja, representa um sistema de poder amparado pelas geopolíticas do conhecimento e de dinâmicas ainda mais amplas, como o colonialismo e o sistema imperial.

Ainda que os autores se refiram ao campo da arquitetura, a presente reflexão se vale de sua proposta de embaralhar o cânone para sublinhar a relação entre esse sistema de exclusões e o ensino da história do urbanismo e, assim, conferir novos significados e valores a personagens, eventos, fatos e relações já conhecidos e consolidados, assim como extrapolar o que Ramon Gutiérrez denominou ainda na década de 1980 de “colonização pedagógica” (Gutiérrez, 1988). Para isso, é necessário articular essas categorias narrativas próprias da história do urbanismo moderno às relações de poder que as estruturam de modo a entender as proposições, projetos e planos como produtores de uma complexa rede transregional e global de conexões, causas e consequências que indica os limites do quadro europeu a partir do qual o cânone as interpreta e explica. Ao ser pensada por categorias e autores alheios, mais do que reflexo ou eco distante das proposições formuladas na Europa, a América Latina torna-se resultado da combinação de elementos mágicos que enquadram as reformas urbanas como miraculosas na resolução dos problemas identificados nos diagnósticos que se repetem desde o final do século XIX até os dias de hoje.

O problema, evidentemente, não se dá pela ausência de narrativas sobre o urbanismo na América Latina, que não é um tema desconhecido. Fernando Martínez Nespral (2019) sublinha, por outro lado, a vigência de categorias da ordem colonial que ditam os currículos e conteúdos consolidados nos cursos de arquitetura e urbanismo. Para ele, não basta a estratégia de incorporação paulatina de determinados “casos locais” que acabam por ratificar

ideias supostamente criadas pelos grandes mestres europeus ou norte-americanos e seus ecos latino-americanos (Martínez Nespral, 2019, p. 77). O desafio vai além da simples adição, mas se apresenta como a desmontagem do sistema para um modelo de ensino que preze explicitar a complexidade e diversidade de atores e vínculos que possam privilegiar diferentes focos simultâneos e interligados nos quais a importância do centro único anterior é substituída pela multiplicidade de centros e pela transcendência das suas interligações.

Essa operação de desmontagem dos mecanismos da historiografia, entendida como tarefa fundamental para uma leitura crítica que possibilite a tomada de consciência sobre as cidades e o urbano, partilha da convicção de Marina Waisman (2013) de que com os instrumentos e conhecimentos forjados nos países centrais, corremos o risco real de nos equivocarmos ou desconhecer nossa realidade histórico-arquitetônica e urbana. Sua crença na reflexão histórica como um dos meios mais completos para conhecer a própria realidade e, em consequência, projetar um futuro próprio e livre da limitação de modelos alheios embasa as reflexões aqui apresentadas, encaradas como um esforço de situar o debate e a historiografia próprios de nossos países a partir do aprofundamento de diversos temas como a questão dos valores, a distinção entre história e crítica, o conceito de modernidade e a relação centro-periferia, questões cruciais, segundo ela, tanto para a compreensão, quanto para o projeto de nossa identidade.

Referências

Actas del VI Congreso Panamericano de Arquitectos (publicación oficial). Lima, Perú: Imprenta Santa María, 1953.

AGUIRRE GONZÁLEZ, Max. **La arquitectura moderna en Chile**: el cambio de la arquitectura en la primera mitad del siglo XX: el rol de la organización gremial de los arquitectos (1907-1942) y el papel de las revistas de arquitectura (1913-1941), Tesis (Doctorado). Universidad Politécnica de Madrid, 2004.

APPIAH, Kwame. **Cosmopolitanism**: Ethics in a World of Strangers, New York: WW Norton, 2006.

ARANGO CARDINAL, Silvia. **Ciudad y arquitectura**. Seis generaciones que construyeron la América Latina moderna. México: FCE-Colombia, Conaculta, 2012.

ATIQUE, F.; CERASOLI, J.; NOVO, L. Pensar por Congressos. CERASOLI, Josianne; JACQUES, Paola B.; PEREIRA, Margareth (orgs.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo III – modos de narrar. Salvador: EDUFBA, 2020.

BENDER, Thomas. **Rethinking American History in a Global Age**. Berkeley: University of California Press, 2002.

BRESCIANI, Maria Stella M. A construção da cidade e do urbanismo: as ideias têm lugar? In: FREITAS, José Francisco Bernardino; MENDONÇA, Eneida Maria Souza. (Org.). **A construção da cidade e do urbanismo: as ideias têm lugar?** 1ªed.Vitória: EDUFES, 2012, v. 1, pp. 141-159.

BRESCIANI, Maria Stella M. Interdisciplinaridade – transdisciplinaridade nos estudos urbanos. **URBANA**: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, v.7, n. 1, 23 dez. 2015, pp. 10-62.

CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade**: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo, SP: SENAC, 2002.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing Europe**: Postcolonial Thought and Historical Difference. Princeton University Press, 2000.

CIRVINI, Silvia Augusta. **Nosotros los arquitectos**: campo disciplinar y profesión en la Argentina moderna. Mendoza, Argentina: Zeta, 2004.

DEDECCA, Paula Gorenstein. **Arquitetura e engajamento**: o IAB, o debate profissional e suas arenas transnacionais (1920-1970). Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ESPINOZA, José Carlos H. **Fernando Belaunde Terry e o ideário moderno na arquitetura e no urbanismo no Peru entre 1936 e 1968**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras [org.]. **Urbanismo na América do Sul**: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960. Salvador: EDUFBA, 2009.

GORELIK, Adrián. **La ciudad latinoamericana**. Una figura de la imaginación social del siglo XX. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2022.

GUTIÉRREZ, Ramón; TARTARINI, Jorge; STAGNO, Rubens. **Congressos Panamericanos de Arquitectos 1920-2000**: aportes para su historia, 1. ed. Buenos Aires: CEDODAL – Centro de Documentación de Arte y Arquitectura Latinoamericana: Federación Panamericana de Asociaciones de Arquitectos, 2007.

GUTIÉRREZ, Ramón. Identidad en la arquitectura argentina. **Cuadernos de Historia IAA**, n.4, 1988, pp. 1-64.

III Congreso Panamericano de Arquitectos. Buenos Aires 1927. **Actas y trabajos**. Buenos Aires, 1927.

KAHATT, Sharif. **Utopías construidas**: las unidades vecinales de Lima. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2015.

LARA, Fernando Luiz, MARTINEZ NESPRAL, Fernando Luis; QUINTANA-GUERRERO, Ingrid. Barajar El Canon: Hacia Un Entendimiento Descolonizado De La Arquitectura. *Dearq*, n. 36, 2023, pp. 4-8.

LEME, Maria Cristina da S. (org.). **Urbanismo no Brasil**, 1895-1965. São Paulo, SP: FUPAM: Studio Nobel, 1999.

LEME, Maria Cristina da Silva. Francisco Prestes Maia e o urbanismo como campo de conhecimento e de atuação profissional. **Anais do I ENANPARQ**, 2010.

LIERNUR, Jorge. **La Red Austral**: obras y proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en la Argentina: 1924-1965. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2012.

MARTINEZ NESPRAL, F. L. ¿Misteriosas? ¿Para quién? Hacia una decolonización de la enseñanza-aprendizaje de Historia de la Arquitectura. **ARQUITECTURAS DEL SUR**, v. 37, n. 56, p. 70–83, 2019.

MAZZINI, Elena; MÉNDEZ, Mary. **Polémicas de Arquitectura en el Uruguay del siglo XX**. Montevideo: Departamento de Publicaciones, Unidad de Comunicación de la Universidad de la República, 2012.

MUMFORD, Eric Paul. **The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960**. Cambridge: MIT Press, 2000.
NOVICK, Alicia. La ciudad, el urbanismo y los intercambios internacionales: notas para la discusión. **Revista Iberoamericana de Urbanismo**, núm. 1, 2009, pp. 4-13.

NOVO, Leonardo Faggion. **Articulações pan-americanas**: a história em pauta nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos no Entreguerras. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2023.

PRIMER Congreso Panamericano de Arquitectos. **Actas y trabajos**. Montevideo, 1921.

RABELO, Clévio. **Arquitetos na cidade**: espaços profissionais em expansão [Rio de Janeiro, 1925-35]. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

RESEÑA del II Congreso Panamericano de Arquitectos (documentos, actas, comunicaciones y discursos). Santiago de Chile, septiembre 10 al 20 de 1923.

ROLDAN, Dinalva D.e. **Unidade de vizinhança em suas conexões latino-americanas**: a construção do conceito e suas apropriações nas obras de Josep Luís Sert, Carlos Raul Villanueva e Affonso Eduardo Reidy entre 1945 e 1958. Tese (Doutorado em Projeto, Espaço e Cultura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil**: 1900-1990. 3rd ed. São Paulo, SP: Edusp, 2010.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. **O arquiteto e a produção da cidade**: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960). Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

V Congreso Panamericano de Arquitectos. **Actas y trabajos**. Montevideo 1940.

WAISMAN, Marina. **O interior da história**: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos. São Paulo: Perspectiva. 2013.

WARCHAVCHIK, Gregori. A arquitetura atual na América do Sul (relatório para o III CIAM) [1930]. In MARTINS, Carlos A. F. (org.), **Arquitetura do século XX e outros escritos**: Gregori Warchavchik. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista eletrônica da ANPHILAC**, 14, pp.9-36, janeiro-junho, 2013.